
Reflexões e Apontamentos Acerca das Relações Entre a Música e a Comunicação Cidadã no Contexto Latino-americano¹

Émerson DA COSTA²

Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, RS

RESUMO

A revolução tecnológica digital que afetou os processos comunicacionais contemporâneos das sociedades latino-americanas refletiu diretamente nas produções musicais do nosso subcontinente. Se, por um lado, a qualidade das gravações e o alcance de público aumentaram vertiginosamente, de outro, a música passou – atravessada por ideias fundamentalistas de mercado – a caracterizar-se cada vez menos como expressão sociocultural e mais como produto. O presente artigo, oriundo uma dissertação de Mestrado em construção, busca refletir e construir aportes teóricos para pensar a música e a produção científica em comunicação como âmbitos de atuação cidadã no contexto continental.

PALAVRAS-CHAVE

Música; Cidadania Comunicativa; Nossa América; Representatividade Musical; Transmetodologia.

Introdução

A condição de Terceiro Mundo que experimentamos na América Latina do presente é resultado de um processo de exploração econômica e violência endêmica que começou no instante em que Cristóvão Colombo pisou nas Bahamas, em 1492. De lá para cá, cada qual com suas nuances e peculiaridades, todos os países do subcontinente percorreram caminhos históricos similares: domínio colonial, lutas pela independência da metrópole imperialista, dependência financeira e subdesenvolvimento. “É a América Latina, a região das veias abertas. Do descobrimento aos nossos dias, tudo sempre se transformou em capital europeu ou, mais tarde, norte-americano, e como tal se acumulou e acumula nos distantes centros do poder” (GALEANO, 2011, p. 18). Historicamente

¹ Trabalho apresentado na DT 6 – Interfaces Comunicacionais, do XX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul, realizado de 20 a 22 de junho de 2019.

² Mestrando do Curso de Comunicação da Universidade do Vale do Rio dos Sinos - UNISINOS. E-mail: dacosta.emer@gmail.com.

modestos e sem grande sucesso, os projetos de integração latino-americana (e aqui falo não somente do âmbito geopolítico) e os movimentos de conscientização de nossos povos em relação à nossa real condição me parecem de suma importância para a construção do bem-estar social que almejamos todos. Não vejo sentido lógico em uma região com potencial econômico eminente, diversa em recursos naturais, de população miscigenada e extensa riqueza cultural, seguir reproduzindo padrões retrógrados de desigualdade social e políticas econômicas de subjugo às potências do Hemisfério Norte.

O presente artigo nasce de um olhar ao espelho: como jornalista, penso a comunicação como fator crucial para as mudanças de paradigma necessárias em nossas sociedades. Embasado pela concepção de *cidadania comunicativa*, enxergo um potencial de reconstrução social gigantesco na atuação das mídias. Disseminando valores de integração cultural e educação cidadã, a comunicação pode participar ativamente da edificação de novas realidades possíveis para os povos latino-americanos. Por outro lado, como músico, conheço na prática os meandros da indústria cultural e sua forma capitalista agressiva de atuação, que – de maneira análoga aos grandes conglomerados midiáticos – resulta em monopólio de conhecimento e informação, além de abafar as vozes de determinados setores da sociedade. Creio na música como expressão da diversidade cultural e capacidade criativa humana muito antes de seu potencial como produto, assim como prezo pela função social dos meios de comunicação muito antes de seu viés empresarial. Como sujeito latino-americano, por fim, julgo procedente debruçar-me – em minha atuação acadêmica – sobre problemáticas relevantes para a construção da sociedade diversa, igualitária e integrada que almejo para o subcontinente. Procuo com este trabalho, oriundo de uma dissertação ainda em fase embrionária, propor diálogos pertinentes e dotados de consciência social entre as áreas de conhecimento onde atuo (música e comunicação), na esperança de encontrar novas perspectivas e caminhos para a compreensão da arte e da cultura como fator de elevada importância na edificação de sociedades, por fim, munidas da paz, justiça e equidade que nos privam historicamente de possuir.

Música e comunicação na América Latina

A revolução tecnológica digital que afetou os processos comunicacionais contemporâneos das sociedades latino-americanas refletiu diretamente nas produções

musicais do nosso subcontinente. Se, por um lado, a qualidade das gravações e o alcance de público aumentaram vertiginosamente, de outro, a música passou – atravessada por ideias fundamentalistas de mercado – a caracterizar-se cada vez menos como expressão sociocultural e mais como produto. Levando em conta a popularização da montagem de registros musicais como ética ordinária (MARTINI, 2018) e o conceito de racionalização da escuta (STERNE, 2003), que nas palavras de Martini (2018, p. 13) foi um “movimento complexo ampliado no século XX, através do qual os sons e as músicas gradualmente adquirem caráter de mercadoria e *comoditie*”, penso a indústria da música na atualidade – de lógica paralela aos grandes conglomerados empresariais da mídia oligárquica – como instituição influenciada diretamente pelos conceitos e diretrizes do capitalismo agressivo que rege e limita a existência de grande parte dos seres humanos. Além disso, a busca pela (falsa) globalização do meio musical acaba promovendo a opressão de expressões artísticas oriundas de zonas geopoliticamente menos abastadas em prol de uma música generalizada, gerando a irreal sensação de *união*, ao passo que hegemoniza as produções musicais ao redor do padrão estético definido pelas grandes potências econômicas do planeta. A América Latina, assim como outras zonas subdesenvolvidas, é exemplo disso.

Aproximando esta problematização inicial ao contexto brasileiro, surge uma nuance ainda mais controversa: nossa relação histórica com a produção cultural dos demais países latino-americanos sempre foi distante e até mesmo problemática. Pensando do ponto de vista midiático, percebe-se que os meios de comunicação brasileiros, em sua maioria, “atualizam, propõem, reinterpretam e sugerem relações de exploração, aproveitamento sistemático e subjugação programada dos países vizinhos mediante a força econômica e militar” (MALDONADO, 2012, p. 23). Esse movimento reverbera no mercado musical brasileiro, que historicamente nega o valor das produções musicais latino-americanas. Apesar da proximidade geográfica e idiomática, a tendência de importar música estadunidense e europeia é clara, em uma das muitas faces do neocolonialismo endêmico que vivemos nas esferas econômica, cultural e intelectual.

Tomando esta problematização contextual como pressuposto, entendo a importância da reflexão acerca das relações da música com a realidade social de um povo. Martini (2018) afirma que

Antes de mapear o que a música comunica em específico, através de sua estrutura melódica, através de sua letra, através do gênero musical da qual faz parte, vale frisar que a música é força comunicativa global

e comunica sua própria forma. Comunica ritmos musicais, mas também ritmos de ocorrência, ela comunica sua própria enunciação como modo de viver o tempo individual, mas compartilhado. A escuta musical tem essa forma dialética de nos conectar coletivamente pelo que nos toca de mais subjetivo. Ela se objetifica ao conectar subjetividades. E aí entra a dimensão comunicacional que a torna operacionalização do cotidiano. Inscrita como ritmo no tempo da vida, a música transforma-se no cotidiano. (p. 89)

Como representação da realidade em forma de arte e comunicação, a música provém de um contexto social no presente, mas também pode sugerir um caminho de rearranjo do cotidiano no futuro. Ao passo que afeta quem lhe escuta, carrega consigo o potencial de modificar concepções de mundo pessoais e coletivas. Desse ponto de vista, a música - que acompanha o cotidiano dos povos latino-americanos do norte do México ao extremo sul da Argentina – tem um potencial imenso de cumprir um papel comunicacional cidadão em nosso subcontinente.

Como objeto de pesquisa comunicacional, porém, a música é comumente abordada em suas lógicas de mercado, o que costuma resultar em paralelos claros com o âmbito tecnicista das análises acadêmicas acerca das mídias. Para a dissertação de onde nasce este artigo, opto por um caminho alternativo, onde proponho analisar transmetodologicamente a poesia e a estética oriundas das produções musicais de algum grupo/banda/artista latino-americano, relacionando-as aos conceitos de *cidadania comunicativa*, *representatividade musical* e *Nossa América*.

Cidadania Comunicativa, Nossa América e Representatividade Musical

A cidadania, como conceito, define o ser humano como parte de um sistema social complexo, onde – dotado de direitos e deveres – o indivíduo deve atuar em prol do bem coletivo. Em um cenário ideal, a lógica é simples: a *igualdade* entre os sujeitos gera a *harmonia* que resulta em *civilidade* (CORTINA, 2005). A realidade vivenciada na América Latina, porém, se mostra distante da noção de uma sociedade cidadã plena. A necessidade de problematização do conceito, na busca de compreender suas especificidades e nuances práticas em nosso contexto social, aproximou, nas últimas décadas, vários campos do conhecimento acadêmico latino-americano da noção de cidadania.

No âmbito dos estudos comunicacionais, as problemáticas acerca do tema tiveram destaque no subcontinente a partir da primeira década do séc. XXI. As teorizações da época apresentam e alargam a noção de *cidadania comunicativa*, explicitada de forma coesa por Strassburger (2011) como

[...] o reconhecimento da capacidade de ser sujeito de direito e demanda, no âmbito da comunicação pública, e no exercício desse direito. Refere-se também a direitos civis garantidos juridicamente, como liberdade de expressão e direito à informação, entre outras dimensões. Implica o desenvolvimento de práticas que contribuam na garantia dos direitos junto ao campo da comunicação. (p. 384)

Tensionando e estendendo o conceito, Maldonado (2012, p. 25) concebe a cidadania comunicativa

[...] como o *direito/desafio/compromisso/pertença/participação* para produzir estratégias e táticas de comunicação que possibilitem processos e estruturas enriquecedoras da diversidade cultural, da vida comunitária, dos ecossistemas e dos modos de vida pós-capitalistas nas *formações* (macro/meso/micro) *sociais* contemporâneas.

Pensando a comunicação cidadã como via de construção de novas realidades sociais possíveis e levando em conta o paralelo com a indústria musical contemporânea aqui proposto, concebo o *mainstream* não só como instituição análoga aos conglomerados midiáticos oligárquicos que dominam a comunicação de massa em nosso continente, mas como *parte* do processo tecnológico histórico que culminou no que Maldonado (2012) chama de *cultura midiaticizada* – movimento que

[...] com forte penetração, reconhecimento e eficiência na maioria das sociedades ibero-americanas, participou de modo estratégico nos intensos processos de urbanização, êxodos e fluxos, provocados pelos processos de reorganização econômica nos vários formatos do capitalismo latino-americano. (p.23)

A reflexão sobre quem gera conteúdo, quem o recebe, e como a realidade é afetada por essa relação, sugere uma questão central para o trabalho aqui proposto: Até que ponto esse conteúdo *representa* quem o recebe?

Quando aborda o monopólio das produções musicais, Martini (2018), baseado nas ideias de Sterne (2003), explica que

A transformação das técnicas de escuta em produto do capitalismo, como objeto disponível ao mercado, não é simplesmente a invenção do disco ou do rádio, ou a popularização da comunicação à distância através do telégrafo e do telefone. O procedimento de larga escala envolve a criação de um modo de sociedade, que está localizado em um espaço-tempo específico, com características particulares, determinado por tais condições. Apesar das idiossincrasias e irrupções diversas, traz consigo a emergência do projeto modernizador do ocidente, branco, masculino, em sua lógica de acumulação ilimitada, fruto da sociedade burguesa emergente de então. (p. 111)

Maldonado (2012, p. 25), ao afirmar a necessidade de “superar, quebrar, a vivência e a concepção unidimensional que só reconhece os sistemas midiáticos comerciais, capitalistas, como a melhor possibilidade de estruturação e realização social comunicativa”, compreende também a ampla fatia da população que não se sente representada pelo projeto de sociedade que lhes foi imposto: com base no lucro acima do bem-estar coletivo e em um estilo de vida consumista. É importante frisar que a cidadania, como instância intrínseca à vida humana em sociedade, vai muito além de códigos penais e conceitos fundamentalistas acerca de direitos e deveres: atravessa todos os âmbitos e nuances da existência em comunidade. Acredito em uma abordagem da cidadania que expanda “sua compreensão e pertinência para outras dimensões da vida, como as étnicas, regionais, econômicas, de gênero, espirituais, científicas, artísticas, cosmopolitas (contra as restrições à livre circulação na Terra)” (MALDONADO, 2012, p. 25). Partindo do pressuposto de que o mesmo vale para a cidadania comunicativa, sustento a aplicação do conceito às problemáticas do âmbito musical não só como afronta às instituições anacrônicas, elitistas e neocolonialistas que – assim como as mídias de massa monopolizam a informação – regem a produção e divulgação das músicas no contexto *mainstream*. Compreendo o exercício da cidadania comunicativa em toda a esfera artística como movimento com amplo potencial gerador de *representatividade* (étnica, regional, econômica, de gênero, espiritual e cosmopolita) para os povos latino-americanos.

Muito além do ponto de vista conservador e fragmentado dos discursos sobre civismo, exercer cidadania em sua plenitude tem como pressupostos básicos sentir-se representado e possuir lugar de fala ativa. A revolução tecnológica digital transformou a música em produto, mas também democratizou o acesso a plataformas de produção musical e facilitou sua ampla divulgação. Livre da necessidade de investimentos financeiros para sua realização,

[...] a produção comunicativa de qualidade estética, de conteúdo e compromisso ético com a humanidade, depende mais das competências intelectuais e técnicas dos meso e micro produtores, e a clareza que tiverem sobre os agires cidadãos, que de grandes financiamentos condicionados por todo tipo de poderes (MALDONADO, 2012, p. 27).

A possibilidade de, por intermédio de recursos estéticos e discursivos, utilizar a música como meio de propagação de cidadania – em sua forma inclusiva, integradora e combativa – abre um espaço antes excludente para produções independentes que expressam seu ativismo social e representam de forma ativa as parcelas da sociedade negligenciadas historicamente. A ideia/conceito que chamo de *representatividade musical* consiste na música, instituída como forma de conhecimento dentro do escopo das artes, aplicando na prática os conceitos de cidadania comunicativa e – por meio de sua estética e poesia – participando da construção de novas realidades mais justas e igualitárias para Nossa América.

A partir disto, relaciono a ideia de representatividade musical – que deriva da cidadania comunicativa ao passo que a aplica na prática – diretamente com as noções de identidade cultural e integração latino-americanas. Dando ênfase ao que nos une como povo, ao invés de focar em nossas óbvias diferenças, a música pode estender ainda mais sua capacidade de criar coletividade a partir das subjetividades individuais (MARTINI, 2018, p. 89). Ainda nas palavras do autor, que aqui toma como base os escritos de Barjau (2016):

Essa dimensão de uso privado da música desafia o poder de três formas: - ação interior que dispensa a exterioridade; - fortalecimento do ouvinte no mundo de estados afetivos; - histórias possíveis para lidar com tensões e distensões que a música soa. Em certo sentido, não é interessante para as instâncias de poder lidar com estes efeitos colaterais do consumo, do ponto de vista filosófico, certamente. Ao poder interessam, portanto, cursos sonoros isomórficos vinculados ao modo cíclico de experimentar o tempo, em detrimento do tempo linear. Os ciclos, tais como dia/noite, sístole/diástole, as marés e as fases da lua remetem a uma repetição, a uma perpetuação, uma acomodação que o poder deseja (MARTINI, 2018, p. 97).

A música concebida como afronta ao poder estabelecido possui força comunicacional cidadã para participar de forma ativa da construção de novos contextos sociais. Assim, visto que a ciência também é práxis e o empírico também pode ser

acadêmico, a música – como forma de conhecimento artístico oriunda da realidade cotidiana e não necessariamente dependente dos grandes conglomerados de poder econômico – aparece na atual conjuntura sociopolítica latino-americana como mais uma opção de resistência ao neocolonialismo e suas diversas formas de atacar a soberania e o bem-estar de nossos povos. Nas palavras de Galeano (1990, p.16), “não é inútil cantar a beleza e a dor de ter nascido na América”.

Concepção metodológica para uma análise fecunda do tema

O caminho metodológico deste trabalho almeja afastar-se de qualquer fundamentalismo, senso comum ou receita pronta, uma vez que a concepção de metodologia como “bússola” que indica um norte infalível e invariável ao pesquisador me parece contraproducente e restritiva. Como âmbito que transcende todo o fazer processual de um trabalho científico, a metodologia precisa ser pensada de maneira *particular*, sob o viés do próprio objeto de pesquisa e de todos os seus possíveis desdobramentos. Como indicam Seibt et al. (2013, p. 226), existe “a necessidade de desdobrar o método, questioná-lo e adaptá-lo às necessidades da investigação”. Portanto, o pesquisador

[...] trabalhará sabendo que não pode transplantar conceitos e proposições tal como os encontra, que precisa realizar um trabalho de apropriação desses referenciais pensando na singularidade do seu problema de pesquisa, tendo em mente que tais construções foram realizadas para atender às especificidades do objeto/problema investigado na pesquisa considerada. (BONIN, 2006, p. 35)

Desse modo, a esfera metodológica deve ser vivenciada como *artesanía intelectual*, evitando normas e procedimentos rígidos que possam mecanizar e podar a fabricação do conhecimento científico (BONIN, 2012; MILLS, 2009). Consciente da sua posição de artesão intelectual, o pesquisador segue o caminho contrário para “em síntese, confluir dialeticamente em orientação múltipla para arranjos metodológicos que potenciem as investigações”. (MALDONADO, 2012, p. 36).

Tomando por base esses pressupostos, proponho construir e analisar o objeto da presente pesquisa a partir de uma perspectiva *transmetodológica*. Maldonado (2012, p. 31) define a transmetodologia como

[...] uma vertente epistemológica que afirma a necessidade de confluências e confrontações entre vários métodos, realizando processos de atravessamento lógico, desconstrução estrutural, reconstrução de estratégias e problematizações redefinidas em cada empreendimento/projeto de investigação iniciado.

Na prática, o conceito funciona como

[...] uma trilha que perpassa o ponto de partida da investigação, ampliando as perguntas geradoras da pesquisa através dos exercícios de contextualização e compreendendo a problematização epistemológica como dimensão enriquecedora para a construção de concepções teóricas e metodológicas que dialogue com os objetivos da pesquisa (FOLLETO, 2013, p. 71).

Levando em conta a função social intrínseca ao fazer acadêmico, entendo como crucial colocar-se na posição de pesquisador *humano*, ou seja: dotado de história e contexto pessoais próprios, inserido em uma realidade geográfica e temporal específica analisando um tema igualmente carregado de nuances de tempo/espaço. A busca por tensionar a realidade hegemônica das sociedades e buscar sentido contrariando o senso comum aparecem – em meu ponto de vista – não apenas como opções metodológicas, mas também como posições ideológicas, políticas e cidadãs. A transmetodologia, como vertente epistemológica alternativa ao fazer científico burocrático e engessado, respeita as concepções particulares da existência humana do pesquisador - e em parte *deriva* justamente delas. Como artesão intelectual, concebo meus argumentos e trago à luz as linhas teóricas aqui apresentadas com a intenção de construir uma base sólida que sirva como ponto de partida para minha investigação.

Reflexões sobre um possível objeto

Não são poucos os artistas latino-americanos que combatem os problemas sociais do nosso extenso continente por meio de suas músicas. Galeano (1990, p.21) alega que

A literatura abrange, em todo caso, o conjunto das mensagens escritas que integram uma determinada cultura, à margem do julgamento de valor que possam merecer por sua qualidade. Um artigo, uma canção ou um roteiro também são literatura – medíocre ou brilhante, alienadora ou libertadora, como bom ou mau pode ser, no final das contas, qualquer livro.

A partir disto, o autor trata como “escritor” todo aquele que produz literatura, e afirma:

Num sistema social tão excludente como o que rege a maioria dos países da América Latina, os escritores estão obrigados a utilizar todos os meios de expressão possíveis. Com imaginação e astúcia, será sempre possível ir abrindo fissuras nos muros da cidadela que nos condena à incomunicação e que torna difícil ou impossível, para nós, o acesso às multidões. (1990, p. 22)

Tomando estas proposições como pressuposto, em conjunto com todo o aporte teórico aqui apresentado, enxergo no trabalho do grupo porto-riquenho *Calle 13*³ como objeto de pesquisa dotado de ricas possibilidades. A banda começou sua trajetória artística inserida em um contexto de produção musical mercantilista - ainda que dentro de uma lógica especificamente latino-americana, por meio do gênero *reggaeton*⁴. Após um início de carreira meteórico, os membros do grupo – em uma espécie de autocrítica – perceberam que o grande alcance de público advindo do seu sucesso abria espaço para a abordagem de temas socialmente relevantes na conjuntura latino-americana⁵. A partir daí, muitas das letras de seus seguintes trabalhos de estúdio passaram a tratar de questões como o imperialismo, a imigração e a condição de Terceiro Mundo, além de exaltarem a união dos povos da Nossa América, sempre utilizando linhas de arranjo alternativas, influenciadas por gêneros musicais e movimentos culturais heterogêneos.

Utilizando a discografia da banda como objeto, creio que um caminho possível para a construção da dissertação que dá base a esse artigo seja a busca por *denotar* os sentidos – objetivos e subjetivos – dos discursos apresentados nas letras da *Calle 13*, em dialética construtiva com as opções de arranjo instrumental, mapeando sua participação na formação das identidades culturais latino-americanas na contemporaneidade. Penso que a investigação aqui proposta tem potencial para tensionar a relação entre música e comunicação fora dos comuns pragmatismos relacionados a gêneros musicais, juízos de

³ Formada em 2005 pelos irmãos René Pérez Joglar (Residente), Eduardo Cabra (Visitante) e Ileana Cabra (PG-13).

⁴ Variação do reggae jamaicano nascida em Porto Rico e no Panamá a partir de sua fusão com ritmos tradicionais latino-americanos e caribenhos como o merengue e a cumbia. Disponível em: <<https://culturacolectiva.com/musica/historia-del-reggaeton/>>. Acesso em: 15 out. 2018.

⁵ Os detalhes da referida autocrítica são aprofundados no documentário “Sin Mapa”, projetado no Festival de Cine Latino de Nova York em 2009. Disponível em: <<https://vimeo.com/24493873>>. Acesso em: 15 out. 2018.

valor e críticas especializadas, além de problematizar o neocolonialismo oriundo do mercantilismo das produções musicais *mainstream* e promover o diálogo entre a arte e a ciência como construtores legítimos de conhecimento, aproximando o conhecimento acadêmico dos saberes populares

Considerações finais

O âmbito acadêmico, assim como o artístico, pode ser um espaço fértil para a construção das identidades latino-americanas. Apesar de muitas vezes orientadas pelas lógicas estritamente mercadológicas construídas ao longo do último século, comunicação e música, se pensadas do ponto de vista da cidadania, podem atuar ativamente nas mudanças necessárias para que tenhamos um futuro mais digno nessas terras saqueadas e depois negligenciadas pelas grandes potências imperialistas de nosso planeta. Galeano (1990), afirma que

Nossa autêntica identidade coletiva nasce do passado e se nutre dele – pegadas sobre as quais caminham nossos pés, passos que pressentem nossas andanças de agora – mas não se cristaliza na nostalgia. Não vamos encontrar, com certeza, nosso escondido rosto na perpetuação artificial de roupas, costumes e objetos típicos que os turistas exigem aos povos vencidos. *Somos o que fazemos, e sobretudo o que fazemos para mudar o que somos*: nossa identidade reside na ação e na luta. Por isso a revelação do que somos implica na denúncia do que nos impede de ser o que podemos ser. (p. 16).

A reflexão proposta nesse artigo vai de encontro à essa noção de responsabilidade para com novas alternativas de construção social que reneguem uma cultura globalizada que se padroniza ao redor de costumes e idealismos que não nos representam como povo. Na coexistência entre os diversos grupos humanos que hoje habitam estas terras residem nossa identidade e nossa força. A capacidade imaginativa e de criação intelectual e artística da América Latina é demasiado grande para que sigamos submetidos ao pensamento hegemônico que nasce no norte do mundo e se promove como a única maneira de enxergar a realidade.

Referências bibliográficas

BONIN, Jiani. A dimensão metodológica na orientação de pesquisas em comunicação. In: MALDONADO, A. *et al* (Org.). **Epistemologia, investigação e formação científica em comunicação**. Rio do Sul: UNIDAVI, 2012. p. 43-58.

BONIN, Jiani. Nos bastidores da pesquisa: a instância metodológica experienciada nos fazeres e nas processualidades de construção de um projeto. In: MALDONADO, A. *et al* (Org.).

Metodologias de pesquisa em comunicação: olhares, trilhas e processos. Porto Alegre: Sulina, 2006. p. 21-40.

CORTINA, Adela. **Cidadãos do mundo: para uma teoria da cidadania.** São Paulo: Loyola, 2005.

FOLETTTO, Rafael. Desenhando os caminhos do fazer científico através da concepção epistêmica transmetodológica. In: **Processualidades metodológicas: configurações transformadoras em comunicação.** Florianópolis: Insular, 2013. p. 69-86.

GALEANO, Eduardo. **A descoberta da América (que ainda não houve).** Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS, 1990.

GALEANO, Eduardo. **As veias abertas da América Latina.** Porto Alegre: L&PM, 2011.

MALDONADO, A. A transmetodologia no contexto latino-americano. In: MALDONADO, A. *et al* (Org.). **Epistemologia, investigação e formação científica em comunicação.** Rio do Sul: UNIDAVI, 2012. p. 21-42.

MARTINI, Felipe Gué. **Platina: transmetodologia radical e escutas poéticas musicais entre Porto Alegre e Montevidéu.** 2018. 267 f. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação) -- Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação. Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, RS, 2018.

MILLS, Charles Wright. **Sobre o artesanato intelectual e outros ensaios.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2009.

SEIBT, Taís *et al.* Metodologia no TCC: antes, durante e depois. In: BONIN, Jiani; ROSÁRIO, Nísia Martins do (Org.). **Processualidades metodológicas: configurações transformadoras em comunicação.** Florianópolis, Insular, 2013. p. 223-238.

STRASSBURGER, Tabita. La nueva televisión del Sur: por uma reflexão teórica, metodológica e epistemológica do comunicacional. In: MALDONADO, A. E.; SÁ BARRETO, C. V.; LACERDA, J. **Comunicação, educação e cidadania: saberes e vivências em teorias e pesquisa na América Latina.** João Pessoa-Natal: Editora UFPB/Editora UFRN, 2011, p. 371-390.